



Glauber Rocha como crítico [1]

Marcell Carrasco DAVID [2]

Silvia Pimenta Velloso ROCHA [3]

Centro Universitário da Cidade, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O cineasta Glauber Rocha foi um dos maiores nomes do Cinema Novo e sua obra deu uma nova identidade ao cinema brasileiro. Mas além de seus filmes, fundamentais nesse novo cenário, Glauber também trabalhou como crítico de cinema, escrevendo diversos artigos para jornais e revistas, além de produzir trabalhos para rádio e TV. Até hoje a produção de Glauber Rocha como crítico é muito utilizada por diversos cineastas e estudiosos do cinema como, Ismail Xavier, José Carlos Avellar, Jean-Claude Bernardet, entre outros. O trabalho analisa esse percurso, recorrendo a diversas publicações com que Glauber colaborou na época, como o *Jornal do Brasil* e *O Pasquim*. Recorremos também a depoimentos de companheiros que fizeram parte desse movimento, como Nelson Pereira dos Santos, Paulo César Seraceni e Joaquim Pedro de Andrade.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema Novo; Glauber Rocha; Jornalismo Cultural; Crítica cinematográfica.

TEXTO DO TRABALHO

O presente artigo tem como objetivo mostrar a importância que Glauber Rocha teve como crítico de cinema no surgimento do Cinema Novo. É necessário deixar claro que este projeto tem um ponto de vista que não é focado normalmente quando se fala em Glauber Rocha. Sua importância como cineasta foi a que deu um amplo significado em sua obra, mas o seu trabalho como crítico de cinema e a sua relação com a literatura e a poesia também caminharam juntas nessa trajetória glauberiana. O trabalho analisa esses conceitos retratando o Brasil, o Cinema Novo e Glauber Rocha apenas na década de 60.

O início na literatura, poesia e crítica cinematográfica

A partir do movimento Cinema Novo é possível entender o objetivo do pensamento glauberiano. Mostrando sua trajetória desde jovem, quando ainda morava em Vitória da Conquista, na Bahia, até os seus grandes trabalhos cinematográficos, com filmes que marcaram uma identidade para o cinema brasileiro e que foi reconhecido na América Latina e



na Europa. Mas seu trabalho não se limitava somente às câmeras, fitas e salas cinematográficas. A publicação de seus artigos e suas críticas em jornais e revistas de todo o Brasil foram tão importantes para o Cinema Novo quanto seus filmes. Pois, a imprensa era uma ferramenta que se tornava um elo entre esse novo tipo de se fazer cinema e o povo.

Glauber Rocha sempre será uma referência para estudiosos de cinema e pessoas interessadas em sua filmografia e biografia. Quase todos seus manuscritos, artigos, livros e filmes podem ser encontrados no acervo Tempo Glauber, localizado em Botafogo, no Rio de Janeiro. Que é organizado por sua mãe, Lúcia Rocha, tentando preservar o histórico de um dos maiores nomes do cinema brasileiro.

“As informações biográficas a seguir tem como fonte textos disponibilizados no Tempo Glauber e livros pesquisados em diversas instituições, com depoimentos de companheiros e familiares que o acompanharam desde a infância.”

No dia 14 de março de 1939, em Vitória da Conquista, na Bahia, nasce Glauber de Andrade Rocha, filho de Adamastor Bráulio da Silva Rocha e Lúcia Mendes de Andrade Rocha. A infância de Glauber era dividida entre a paixão que tinha pelas revistas em quadrinhos, onde as histórias ilustradas lembravam os filmes de banguê-banguê que eram exibidos no Cine Conquista, a pregação protestante do avô e as viagens que fazia com o pai.

Em casa, a convivência com a mãe o iniciava no mundo da poesia. Glauber, para a felicidade de sua mãe, nasceu no dia nacional da poesia, data do nascimento do poeta Castro Alves. Entrou na escola aos sete anos, já alfabetizado pela mãe e sabendo alguns versos de Castro Alves. Ele dizia que a partir de sua mãe, absorvia o sentido mais humano e poético da vida.

Por volta de 1948, a família Rocha se mudou para Salvador. Glauber iniciou seus estudos num colégio católico, porque em Vitória da Conquista não havia escola batista. Ele era um aluno rebelde e inquieto, os professores se queixavam de seu comportamento, mas admiravam sua inteligência. Com apenas nove anos, era o irmão mais velho e o “homem da casa”. Recém chegado a Salvador, entrou no teatro junto a sua irmã Anecy. Fazia o papel principal da peça espanhola *El hilito de oro*. No ano seguinte ele encena sua segunda peça: *Meditações no Campo Grande*.

Em Salvador, sendo a vida mais livre e menos violenta que em Vitória da Conquista, ele podia ficar mais tempo na rua. Por outro lado, várias crianças se mudavam para Salvador a fim de continuar os estudos. Foi o caso de Geraldo Sarno, João Ubaldo Ribeiro, Orlando Senna, entre outros que se tornaram referências fundamentais na sua vida adulta.



Glauber já assistia a vários filmes, às vezes na própria escola. Desde criança já era admirador da obra de vários diretores, como Chaplin, Eisenstein, Griffith e Cocteau. O cinema e o teatro ocupavam as horas de lazer dele.

Da infância até a sua adolescência, a vida de Glauber foi contornada por acontecimentos que marcariam para sempre o seu futuro. A casa grande, os amigos de rua, os tiros entre jagunços e pistoleiros, os filmes de banguê-banguê, os cultos protestantes com o avô. As viagens com o pai e o contato com a fome e a seca no interior do Brasil.

Aos 13 anos, Glauber, em carta ao tio, revela que:

Tio, se algum dia tornar-me um escritor, pode estar certo que só escreverei sobre a minha terra. Saiba também que prefiro aos escritores brasileiros aos europeus. Não que tenha vasta cultura literária a ponto de querer compará-los, mas prefiro conhecer antes a filosofia de meus patrícios. Para depois conhecer os europeus. (ROCHA, Apud VENTURA, 2000: 35)

Para a estudiosa de cinema Tereza Ventura, a paixão pelo Brasil, despertada na infância, sempre esteve presente na trajetória glauberiana. A maioria dos escritos de Glauber fala de sua terra. Segundo ela, Glauber tinha uma forma bastante peculiar de entender e de enfrentar o mundo em que vivia. Um pensamento que busca um confronto com as variações histórico-culturais à sua volta, mas preserva uma autonomia que se expressa no sentido de explorar a própria filosofia.

Em 1953, Glauber concluía o ginásio no colégio Dois de Julho. E iniciava a fase do Colégio Central da Bahia e do Cepa (Círculo de Estudos Pensamento e Ação). Segundo o crítico de cinema Orlando Senna, o Cepa era uma instituição nacionalista integralista, onde se debatia a literatura nacional dos anos 30 e também a filosofia de Schopenhauer, Nietzsche, Bergson, entre outros.

Foi a partir do Cepa que Glauber realizou um programa de rádio chamado *Cinema em Close-up*. O programa, ao vivo, acontecia todas as segundas-feiras na Rádio Excelsior, no ano de 1956. Nesse período, ele publica seu primeiro artigo sobre cinema, na famosa revista *Cena Muda*, que costumava ler na infância.

Como afirma o próprio cineasta, “A Cena Muda é meu curso primário. Aí publiquei meu primeiro artigo, chamado: Stanley Kramer – A Salvação de Hollywood, na sessão Carta aos leitores”. (1981: 304)



Nessa mesma época era criado o grupo chamado *Jogralescas Teatralização Poética*, do qual Glauber fez parte. O grupo encenava poesias brasileiras. Após as *Jogralescas*, Glauber e Fernando Péres fundavam a Sociedade Cooperativa de Cinema Iemanjá. Ele já publicava artigos sobre cinema no diário *O Momento* e no semanário *Sete Dias*. Aos 17 anos, com poucos recursos ele realiza seus dois primeiros curtas, *O Pátio* e *Cruz na Praça*.

Glauber inicia sua carreira jornalística como repórter policial do *Jornal da Bahia*, onde trabalha ao lado de Inácio de Alencar, Ariovaldo Matos, Paulo Gil Soares, Fernando da Rocha Peres e Calasans Neto. Começa a publicar artigos sobre cinema e assume a direção do Suplemento Literário. Passa a escrever para a página "Artes e Letras", do suplemento dominical do *Diário de Notícias*, de Salvador, e para o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* (SDJB). Nessa época também trabalha como funcionário público da Prefeitura de Salvador.

Para Tereza Ventura, a produção intelectual de Glauber se divide entre poesias, contos e críticas literárias e cinematográficas. Alguns de seus contos são publicados no jornal *A Tarde*. Tinha a intenção de publicá-los em um livro intitulado: *Panorama do Conto Baiano*. Ele já havia participado da criação da revista *Mapa* – inspirada nas *Jogralescas*. A revista *Mapa* reunia artigos de vários estudantes de sua geração. Na *Mapa* se encontram alguns artigos de Glauber acerca da relação entre cinema e literatura, como também estudos críticos sobre a produção literária no Brasil.

Em seus textos críticos, nota-se um autor voltado para um estudo da cultura brasileira e suas representações na arte. Nos contos e poesias, Glauber deixa fluir a imaginação. As palavras são, antes, imagens que virtualmente podem compor uma ou várias formas de pensamento. O deslocamento da palavra do invólucro narrativo liberta a sua dimensão simbólica e a torna lúdica, capaz de operar em vários registros sensíveis e intelectuais. O cinema seria suporte, por excelência, dessa forma de pensar. A partir do cinema, a composição poética de Glauber alcança em materialidade e movimento a ambição de submeter as palavras à necessidade da ação. (VENTURA, 2000: 51)

Glauber viaja para Belo Horizonte a fim de entrar em contato com o grupo mineiro da *Revista de Cinema* que, segundo ele, produzia a melhor revista de crítica do Terceiro Mundo. O grupo era formado por Alex Viany, Cyro Siqueira, Fritz Teixeira Salles, Silviano Santiago, entre outros. O grupo criou o CEC (Centro de Estudos Cinematográficos), considerado o primeiro cineclube organizado no Brasil. Além de divulgar os textos de Zavattini, Rosellini, Chiarini, entre outros cineastas, o grupo deu início a um amplo debate político e estético



acerca do neo-realismo. Glauber propõe ao grupo construir uma linguagem cinematográfica revolucionária, o Cinema Novo.

A segunda metade dos anos 50 foi fundamental para a formação de Glauber. Sua pesquisa literária possibilita escrever vários ensaios críticos sobre a obra de Guimarães Rosa, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. O interesse literário se associava a uma vivência da realidade nordestina. Desde a infância, as viagens pelo interior o colocavam em contato com os problemas da seca, do cangaço e da miséria. Segundo João Carlos Teixeira Gomes:

Durante a viagem de janeiro de 1956, Glauber realizou um estudo direto da realidade do nordeste, fazendo um percurso que inclui o interior de Sergipe, Alagoas até chegar a Caruaru, em Pernambuco, para onde foi com o objetivo de conhecer a feira da cidade. (GOMES, Apud VENTURA, 2000: 56)

Antônio Guerra Lima, companheiro de escola, também fez uma viagem com Glauber:

Numa viagem que fizemos pelo sertão baiano até Paulo Afonso pude observar o interesse dele pelos problemas do povo sertanejo, da sua mística, de seu sofrimento. Foi aí que vi esboçar na imaginação de Glauber as primeiras imagens de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. (LIMA, Apud VENTURA, 2000: 56)

As viagens pelo Nordeste vinham ao encontro do ideal de viver a paisagem cultural nativa, influenciado também pelo processo político e cultural da época. O nordeste se tornou, na segunda metade dos anos 50, o alvo de debates acerca de um projeto de desenvolvimento econômico e da política agrária no Brasil de JK. A criação da Sudene, e até mesmo do Museu de Arte Popular no sentido de adaptá-la às exigências da modernização do país.

A obra de Glauber reflete essa preocupação. De um lado, a pesquisa da cultura popular como fonte de identidade, de outro, a procura de uma linguagem formal de expressão que não descaracterizasse o conteúdo original do popular.

A literatura era parte do projeto de Glauber de entender a vocação nacional de seu país, e com isso construir uma linguagem estética que incorporasse esta cultura. O entusiasmo pela literatura era algo que também fazia parte da sua própria vivência. A formação literária do jovem gera sua visão da história, da cultura e o interesse pelas viagens. Era a literatura uma forma de compreender e descobrir os próprios sentimentos e cria sua própria estética.



Tereza Ventura afirma que desde a infância, Glauber lia e escrevia intensamente, sobre tudo que sentia. A poesia atuava no lado mais profundo e subjetivo, no que ele nomeava de “essência da vida, substância da existência”. A arte era fundamental no sentido de ser uma fonte de expressão de sua angústia. A literatura representava para Glauber uma forma de pensar a cultura e, mais ainda, resolver os mistérios da existência, apontar soluções para os problemas sociais.

Os poetas e escritores são dotados de talento e poder de criação, gravam em letra de fogo para os séculos vindouros todo o pulsar nervoso e incontido da alma humana, homens com domínio soberbo sobre a palavra que, escrevendo obras de elevado valor estético e humano, deram sua mais valiosa contribuição à humanidade, procurando em cada página resolver os mistérios da existência e solucionar os problemas de ordem social. (ROCHA, 1956)

O valor atribuído à função do escritor na cultura revela a invasão de Glauber no campo da literatura e anuncia uma visão de mundo que atribui à arte a capacidade de interferir e até ultrapassar a vida social. Para Glauber, a poesia era um sentimento, conhecimento de si, impulso, enquanto o cinema, além de uma função universal, exige um processo mediativo que inibe a espontaneidade.

A poesia era uma espécie de continente onde Glauber liberava a sua angústia, sem autocensura, e às vezes mesmo seu desespero. Seu projeto estético e político vai entrar na ambição de libertar o imaginário latino-americano do processo colonizador e revitalizar sua mitologia, suas crenças e valores nativos inscritos na literatura do cordel, nas histórias orais e nas crenças populares.

Glauber se afirmou publicamente como cineasta, embora nunca tenha se distanciado da atividade literária. Ele próprio afirmou, em um artigo para o *Jornal do Brasil*, que não obteve com a literatura o mesmo sucesso que obteve com seus artigos sobre cinema. Segundo Ventura, Glauber escreveu, cotidianamente, ao longo de toda a sua vida. Ele escrevia poesias, roteiros para jornais, textos pessoais, além de fazer inúmeros desenhos. Mas foi com o cinema que Glauber fez uma imagem viva de uma ideia.

O cinema materializou o desejo de ser imagem e som da palavra, enquanto a teoria concretista explodia na impotência da palavra. Há uma possibilidade de expressão mais complexa do que as formas humildes e angustiadas do próprio verso e do quadro. E, sobretudo, há o chamado profano do mundo que corrompe o poeta, no momento em que ele cruza as fronteiras do cinema. (...) Através do cinema, o poeta com o encantamento sagrado da arte poética e submete sua inspiração ao



domínio técnico e industrial inerente ao processo cinematográfico. Contudo, a inspiração que dá luz à palavra, tornando-a poética, permanece na recusa de um cinema industrial e comercial, assim como na busca da expressão das particularidades nacionais de um povo. (ROCHA, *Jornal do Brasil*, 1961)

Segundo Ivana Bentes, o cinema brasileiro para Glauber deveria afirmar uma linguagem própria, descolonizada. A pesquisa glauberiana, a partir dos anos 60, se dirigia para um ponto entre a abordagem poética e a afirmação política da cultura brasileira. Em 1960, Glauber atuava como repórter policial e crítico de cinema, além de escrever vários pequenos roteiros. Ele trabalhava na Iglu Filmes e tinha objetivo de criar um movimento coletivo a favor de uma forma estética e cultural dentro do qual ele integraria sua obra.

Aos 23 anos, Glauber já preparava um livro sobre o pensamento cinematográfico brasileiro. Dirigia seu primeiro longa-metragem e trabalhava como produtor. Para ele, a experiência com as filmagens de *Barravento* definiu a necessidade de formular uma estética para um cinema nacional. Estética que, para Glauber, exigia uma reflexão teórica e um encaminhamento político. Projeto que orientará a vida e a obra do cineasta.

O filme de Glauber, *Barravento*, respondeu a dúvida inicial da década de 60 acerca de qual seria o caminho do Cinema Novo no Brasil. A partir daquela experiência, Glauber assumia o dilema entre o seu posicionamento em relação ao seu descontentamento com sua ambição esteticista e o necessário posicionamento político do artista no contexto de um país subdesenvolvido.

Logo após terminar *Barravento*, ele se preparava para levar o filme para o Festival de Cinema de Karlov Vary. Lá ele recebe o prêmio *Opera Prima*. Em Karlov Vary, *Barravento* surpreende pela inovação estética, que seria uma experiência fundamental para o jovem baiano em sua primeira viagem à Europa.

Depois de tanta aporrinhção na vida, pela primeira vez me sinto um cidadão sadio e possivelmente feliz. Roma é genial, genialíssima. Achei Paris uma cidade sofisticada. Praga bela, mas triste e cinzenta. Tudo aqui é vida e cultura bem plantada, deveria voltar a Paris, mas preferi Roma. Chegou a nossa hora, porque isso aqui está velho, podre e decadente, salvo essa grande mulher que é Roma. (ROCHA, 1962)



Em sua filmografia, Glauber buscou mostrar a dimensão, o conflito e o combate entre os mitos nacionais, a vida do povo e o processo político. Sua obra até 1965 trata de fenômenos culturais contextualizados historicamente. É importante ressaltar também que a dialética entre tradição e ruptura cultural, entre linguagem estética e posicionamento político é uma variável predominante no cinema de Glauber Rocha.

A interação entre câmera e ideia, o enquadramento poético narrativo das imagens sugere um complexo fílmico que, na visão de Glauber, encerra um procedimento de conhecimento e recriação do real. Neste sentido, o autor não domina o resultado de sua intervenção. Há um conflito básico no procedimento do autor.

Glauber adotou posições muito radicais contra o cinema comercial e a indústria. O primeiro filme, *Barravento*, embora premiado, não obteve retorno financeiro. *Barravento* foi lançado no Brasil depois de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Até então, Glauber se projetava na imprensa como crítico e pensador de cinema.

A câmera de Glauber realiza com *Deus e o Diabo na Terra do Sol* a estética política do cinema nacional. O filme, exibido semanas antes do golpe militar de 64, consagra o artista como criador de uma cinematografia revolucionária.

A platéia entrou em delírio quando terminou a primeira exibição pública do filme, uma sessão à meia-noite no antigo cinema ópera, na praia de Botafogo. Os aplausos começaram no início da sequência final, a corrida para o mar de Manoel e Rosa, e não pararam mais. Ouviam-se os gritos de Gênio! Gênio! (...) Houve também aqueles que consideraram *Deus e o Diabo na Terra do Sol* um filme reacionário, por não acreditar na conscientização das massas. Numa sessão de estréia em São Paulo, um homem gritava repetidamente “Esse cara é Fascista! Fascista!” (BERNARDET, 1995)

Estando fora do país, Glauber distribui o texto-manifesto "*A Estética da Fome*", onde foi apresentado na Resenha do Cinema Latino Americano, em Gênova. O texto, que foi escrito dentro do avião em uma viagem que fez dos Estados Unidos para a Itália, apresenta as bases estéticas e políticas do Cinema Novo e critica o pensamento europeu em relação ao Terceiro Mundo.

Nessa mesma época surgiu a *Mapa Filmes* que tinha como sócios, Zelito Viana, Walter Lima Jr., Paulo César Saraceni e Raymundo ("Dico") Wanderley Reis e co-produz "*Menino de Engenho*", de Walter Lima Jr.

Em 1967, ele vai pela terceira vez para a Europa, e dessa vez é para levar o seu filme *Terra em Transe* ao Festival de Cannes. O filme tinha sido proibido no Brasil, pois foi



considerado subversivo e ofensivo à Igreja. A proibição do filme tinha sido manchete de todos os jornais. No dia 3 de maio o filme foi liberado, mas sua exibição causa polêmica no Rio. O Editorial da Tribuna da Imprensa classifica o filme de "antipúblico".

Exibido no Festival de Cannes, como afirma Ivana Bentes, *Terra em Transe* ganha os Prêmios Luis Buñuel, atribuído pela crítica espanhola, e o da FIPRESCI - Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica. No Rio, o filme fica em cartaz durante quatro semanas em dez cinemas. Em São Paulo é recebido com admiração por Paulo Emílio Salles Gomes, Almeida Salles, Rudá de Andrade, Roberto Santos, entre outros. Em sessão para estudantes organizada pelo Teatro Universitário de São Paulo (TUSP) o filme é interrompido por aplausos ao longo de sua exibição. A repercussão do filme no Brasil é relatada nas cartas que Glauber recebe dos amigos.

Entre cinema e jornalismo:

Cineasta de obra prolífica, Glauber morreu cedo, mas deixou filmes fundamentais para o cinema brasileiro. Glauber foi indicado três vezes à Palma de Ouro, no Festival de Cannes, e venceu um prêmio de melhor diretor com *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* e um prêmio FIPRESCI com *Terra em Transe*.

O cineasta foi censurado, já que *Terra em transe* foi considerado revolucionário demais e um perigo para a juventude da época, socialista e antiimperialista, mas mesmo assim, foi bem recebido na Europa.

Mesmo a situação da América Latina tendo mudado um pouco de algum tempo para cá, *Terra em transe*, assim como as outras obras de Glauber, é bastante atual e deveria ser mais revisitado pela juventude de hoje, já que, na atual conjuntura social em que vivemos, talvez estejamos piores do que antes, pois além da fome real, ainda temos de aguentar a fome de conhecimento e a fome de ideais por parte da maioria de nossos jovens despolitizados.

Glauber Rocha tinha, antes do Cinema Novo, uma visão estagnada do cinema brasileiro, que era muito influenciada pela máquina de Hollywood, onde as pessoas eram acostumadas a assistir filmes que não mostravam a verdadeira realidade do povo. Com isso, ele buscou escrever e retratar alguns aspectos dessa realidade, que também havia presenciado em suas viagens pelo nordeste do Brasil.

Mas foi através do movimento do Cinema Novo que ele conseguiu expressar o seu modo de pensar. Principalmente nas suas obras cinematográficas, que retratavam personagens



típicos da cultura brasileira, em lugares como o nordeste do país. Essa busca, que também contou com a ajuda de outros nomes importantes, como Nelson Pereira dos Santos, Gustavo Dahl, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, Paulo César Saraceni, entre outros, só foi possível através de muita determinação e do compromisso de todos. Mesmo com o problema da distribuição e da falta de recursos técnicos e financeiros, eles conseguiram realizar um cinema de engajamento, capaz de abordar questões ligadas à “realidade nacional”.

Centenas de filmes foram realizados desde o nascimento do Cinema Novo, e muitos outros ainda serão produzidos na sétima arte, que abordam temas sobre a realidade popular, mas pode-se afirmar precisamente que a obra de Glauber ainda são muito influentes no cinema brasileiro.

É significativo que quase todos os participantes do Cinema Novo tiveram algum tipo de ligação direta entre o cinema e o jornalismo. Mesmo havendo exceções, o caso de Glauber Rocha mostra que o Cinema Novo foi um movimento cuja interface com o jornalismo foi decisiva. Pois, na época as duas profissões não eram regulamentadas, o acesso ao jornalismo e ao cinema era livre, então a crítica se tornou uma ponte entre elas.

[1] Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, GP – Gêneros Jornalísticos, do Intercom Jr na Região Sudeste, São Paulo, realizado de 14 a 16 de maio de 2011.

[2] Recém graduado em Comunicação Social - Jornalismo do Centro Universitário da Cidade, Rio de Janeiro, RJ, email: marcellcarrasco@gmail.com

[3] Orientador do trabalho. Professora Doutora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Cidade, Rio de Janeiro, RJ, email: silviapimenta@superig.com.br

REFERÊNCIAS

BENTES, Ivana. “Cartas ao Mundo” Glauber Rocha / Acervo Tempo Glauber. Disponível em: <http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Biografia/vida.htm>. Acesso em Agosto de 2010.

BERNADET, Jean-Claude. *O nacional e o popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURHAMMAR, Leif. *Cinema e Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ROCHA, Glauber. *Revolução do Cinema Novo*. Rio de Janeiro: Alhambra/Embrafilme, 1981.

ROCHA, Glauber. O processo cinema. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 de maio 1961



ROCHA, Glauber. Depoimento a Raquel Gerber in: *Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

XAVIER, Ismail. *O desafio do cinema*. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.

VENTURA, Tereza. *A poética Polytica de Glauber Rocha*. Rio de Janeiro: Funarte, 2000